

Ao assumir a direção do TV de Vanguarda, por volta de 1962, Benjamin Cattán o fez com uma nova proposição, pois o programa, um tanto desgastado pedia uma remodelação. A nova diretriz pretendia desenvolver um processo lento e quase didático de passar a informação para o grande público, de modo que este pudesse conhecer e compreender as obras mais significativas da literatura e dramaturgia mundial. Assim, através de uma mostra gradativa do que o teatro e a literatura haviam oferecido ao longo dos séculos, o público faria praticamente um aprendizado literário e teatral. Como o próprio Cattán declararia anos mais tarde, não adiantava nada encenar Brecht no primeiro programa, pois a média dos espectadores não estava ainda suficientemente preparada para compreender o verdadeiro sentido do espetáculo e talvez mesmo aceitá-lo. (52) Fazia-se portanto necessário, todo um processo formativo cultural. Assim, como primeira medida, antes do espetáculo ser iniciado, Cattán aparecia diante das câmeras e falava ao público sobre o autor da peça, a época em que vivera e escrevera aquela obra, quais as intenções e razões que o haviam levado a escrevê-la e as motivações político-sócio-econômicas e históricas que o haviam norteado. Através dessas explicações, o público, ao assistir o espetáculo propriamente dito, já estava preparado para entender e assimilar o verdadeiro sentido do mesmo. Desta forma, à diversão incorporava-se uma série de informações às quais a maioria dos espectadores não teria normalmente acesso. Para Cattán, a televisão não deveria ser vista apenas como um veículo dileitante, mas essencialmente cultural. Ela deveria "dar cultura através de espetáculos". É bem verdade que vários programas, entre eles o próprio TV de Vanguarda, tinham essa preocupação. Mas Cattán pretendia complementar esse trabalho com as explicações didáticas sobre o autor e a obra, de modo a permitir uma melhor compreensão desta última por parte do público. O repertório selecionado por Cattán — e é nele que está uma das diferenças fundamentais entre a nova fase do TV de Vanguarda e a anterior — apoiava-se quase que totalmente em peças de teatro o que, de imediato, determinou uma dificuldade básica, pois nada mais difícil do que transpor para o cinema ou televisão um texto teatral; o espetáculo, na maioria dos casos, resulta em teatro filmado ou meramente televisionado, como acontecera, por exemplo, na maioria das encenações realizadas na primeira fase do Grande Teatro Tupi. Cattán tinha consciência do problema e buscava uma linguagem que fosse mais compatível com o veículo, embora em suas próprias palavras "a televisão dificilmente terá uma linguagem própria uma vez que ela é um produto completamente híbrido", (...) "um meio termo" entre o cinema e o teatro. No mesmo depoimento, ele complementaria: "Evidentemente que cada diretor tem a sua maneira de dirigir. Uns se aproximam muito mais do cinema que parece ser sempre o ideal do diretor de televisão. (...) Puxa, parecia um cinema!" é o maior elogio que alguém pode receber, quando, na realidade, isso só prova que a televisão não conseguiu até hoje uma linguagem própria". (53)

Paralelamente a esse trabalho didático-cultural, Cattán se propôs "a uma coisa melhor" ainda conforme o mesmo depoimento: a realização anual de um "concurso de peças para a televisão", revelando inclusive autores novos. O saldo foi positivo, em apenas um desses concursos, realizado em 1965, classificaram-se, nos três primeiros lugares, Oduvaldo Viana Filho, Osman Lins e Plínio Marcos respectivamente.

Seja através da apresentação aos telespectadores de autores da maior importância como Sófocles, Ibsen, Garcia Lorca, Ionesco, Arthur Miller, Tennessee Williams e Brecht ou autores nacionais do porte de Gianfrancesco Guarnieri, Plínio Marcos, Abílio Pereira de Almeida e Jorge de Andrade, ou ainda, revelando novos autores em concursos, Cattán tentava fazer com que o TV de Vanguarda representasse uma contribuição cultural àquele público que há tantos anos prestigiava o programa.

Sobre o riquíssimo repertório do programa, Benjamin Cattán narra um episódio ocorrido consigo por ocasião de uma viagem e curso na Rádio e Televisão Francesa e na RAI italiana. Ao lhe perguntarem a respeito da televisão brasileira e o que esta costumava apresentar, ele declinou alguns dos títulos das peças encenadas no TV de Vanguarda: "Mas não é possível que vocês façam isso!" — alguém retrucou espantado — "Nós não fazemos aqui, como é que vocês fazem lá?" Ao que Cattán respondeu: "Bom, há uma explicação: o Brasil é tão subdesenvolvido que permite fazer este tipo de coisa. Vocês, que são tão superdesenvolvidos, não conseguem fazer, compreende?" (54)

De certa forma, a resposta de Cattán explica toda uma fase da nossa televisão quando, sem notáveis recursos técnicos e humanos, ela ousava enfrentar as obras mais importantes e difíceis, trazendo-as até o público da maneira que podia. Isso se explica um pouco pelo fato de a nossa televisão não ter sido feita, nos seus primórdios, por intelectuais, mas sim por aqueles radialistas modestos aos quais não sobrava tempo sequer para pensar nas possibilidades de erro.

A despeito da TV Tupi contar com equipamento de vídeo tape desde 1960, conforme já o dissemos, nem todos os teleteatros eram gravados antecipadamente para posterior transmissão pois, na verdade, havia uma única unidade de VT e o número de tapes não era suficiente. A gravação então ficava dependendo da possibilidade de se utilizar o VT, sobre o qual a programação esportiva, especialmente o futebol, tinha prioridade, uma vez que as fitas gravadas poderiam ser copiadas e distribuídas para as várias emissoras das demais cidades e estados brasileiros que já estivessem convenientemente equipadas com a aparelhagem de vídeo tape. Do ponto de vista comercial, havia muito mais interesse em comprar tapes de jogos de futebol do que as angústias de Hamlet ou a paixão da dama

(52) Depoimento de Benjamin Cattán ao IDART, São Paulo, 29 de agosto de 1977.

(53) Depoimento de Benjamin Cattán ao IDART, São Paulo, 29 de agosto de 1977.

(54) Depoimento de Benjamin Cattán ao IDART, São Paulo, 29 de agosto de 1977.